



1954 • 2004

**Comemorações do Cinquentenário da Inauguração da**  
Capela de Santo António de Merlães



## DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

António Soares de Pina é natural de Merlões, onde completou em 1943 a Escola Primária. Fez o Curso Industrial em Oliveira de Azeméis e, após cumprir o serviço militar em Lisboa, onde tirou o Curso de Sargentos Milicianos, continuou aí os seus estudos na Escola Náutica. Terminado o Curso de Máquinas no ano de 1957, fez o estágio obrigatório de quatro meses, como cadete da Reserva da Marinha, na Escola Naval, em Vila Franca e no Alfeite, até ao final desse mesmo ano.

Iniciou então o exercício da sua profissão de Oficial Maquinista da Marinha Mercante, que se prolongou por oito anos, altura em que recebeu convite para ingressar no Quadro Técnico da firma *Metalúrgica de Cambra*, hoje *Arsopi*. Aí desempenhou várias funções técnicas, sendo-lhe atribuída a Direcção da Fundação de Aço Inoxidável da *Arsopi*. Exerceu este cargo desde a implantação daquela unidade, até à sua reforma em 1997.

Em 1991 fundou a micro empresa familiar *Grupina, Lda.*, que ainda hoje dirige.



1954 - 2004

## ÍNDICE

3	Prefácio
5	I - A Capela de Santo António
9	II - A Construção da Capela
19	III - Referências à nova Capela de Santo António
23	IV - Inauguração da Capela
25	V - Santo António Padroeiro
29	VI - Narrativa de Santo António
39	VII - Merlões - Um Pouco de História
45	Patrocínios
47	Agradecimentos
49	Comissão Organizadora

## FICHA TÉCNICA

Comemorações do Cinquentenário da Inauguração da Capela de Santo António de Merlães

### **Texto e selecção de fotografias**

António Soares de Pina

### **Pesquisa**

António Soares de Pina

Maria Estela Pina

Carlos Gonçalves de Sousa

### **Colaboração**

Maria da Graça Gaspar Mendes de Pinho da Cruz

### **Design e Paginação**

[www.dqadesign.com](http://www.dqadesign.com)

### **Tratamento de Imagem**

[www.dqadesign.com](http://www.dqadesign.com)

### **Execução Gráfica**

G. C. - Gráfica Coimbra, Lda.

### **ISBN**

972-9098-57-3

### **Tiragem**

750 exemplares

### **Destinos**

Para patrocinadores, Comissão, etc, 55 exemplares

Reservados para o Autor, 50 exemplares

Restantes, cerca de 645 exemplares, para a Comissão Fabriqueira de Cepelos, Capela de Merlães, revertendo o produto das vendas a favor de actividades sócio-culturais juvenis, ou outras de reconhecido interesse.



1954 - 2004

## PREFÁCIO

Com este pequeno e despretensioso livro, pretende o autor, António Soares de Pina, focar uma época que dignifica todo o povo de Merlães que, pela sua coragem, abnegação e sacrifício, se aliou na concretização de um projecto: a construção de uma nova capela, onde os devotos de Santo António pudessem realizar as suas cerimónias religiosas, em louvor do Santo Padroeiro, que os nossos antepassados elegeram, em reconhecimento dos milagres a Ele atribuídos.

O autor, que está de parabéns por esta iniciativa, além da recolha e selecção de textos, teve a preocupação de seleccionar fotografias daquela data e anteriores.

Considero esta obra uma justa homenagem de António Soares de Pina ao povo de Merlães, que há cinquenta anos construiu a nova capela de Santo António.

*Maria da Graça Gaspar Mendes de Pinho da Cruz*



Capela Antiga - 1800



Capela Nova - 1954

Devemos conhecer bem o que desejamos para conseguir o que queremos.

*Aristóteles*



1954 - 2004

## I - A CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

Sobre esta iniciativa, transcrevemos as palavras do impulsionador da obra José Soares de Pina, no livro em que ficaram registados os nomes dos componentes das comissões pró-construção da capela, o número de fogos no lugar, a sua divisão por classes, conforme as suas possibilidades de contribuição e as contribuições respectivas em dinheiro que, em alguns casos, eram complementadas com trabalho ou madeira.

Reproduzem-se a seguir as palavras de abertura do livro:

*Livro para os vindouros*

*Um pouco de sua história, pelo autor.*

*A capela, motivo de nossa atenção neste momento, passará a ser à beira da estrada, porque a antiga está situada em lugar inadequado.*

*A capela que neste momento estamos a tratar de substituir, está ao fundo da calçada que segue em linha recta em direcção ao Vale Grande, com a porta voltada para a mesma calçada, e tem lá a data de 1800.*

*Dizem os antigos que, anteriormente, tinha sido no Cabeço, onde ainda hoje se encontram algumas pedras, numa casa que está à esquerda de quem sobe, isto é: por cima da Ponte do Rio.*

*Não há nada escrito, o que é de lamentar.*

*Aqui rendemos a nossa homenagem àqueles, hoje anónimos, que escolheram tão milagroso Santo, para nosso Padroeiro.*

*Hoje começaram as obras para a nova capela.*



José Soares de Pina

*Merlões, Vila Soares e Silva, 29 de Dezembro de 1952.*

*José Soares de Pina*



1954 - 2004



Capela Antiga - Escavações

### **Adro e Capela**

*Para se poder mudar a capela para a beira da estrada, foi preciso mudar um curral e palheiro que existiam lá e que eram de Almiro Soares Roque e sua mulher.*

*Ficou localizado bem encostado à antiga capela, na entrada da leira que dá caminho para a eira, onde tem um canastro de quatro quartéis.*

*Foi feito o curral e palheiro a 17,50 (17\$50) o metro quadrado, dando a nossa casa a cal e madeira para o mesmo.*

*Os homens que andaram a quebrar pedra, ganharam a 15\$00 por dia, a seco.*

*A construção da nossa capela é aspiração minha de toda a vida, só agora podendo ser realizada.*

*Trouxe do Brasil a ideia de sua realização, pedindo auxílio do Manoel Fernandes da Vinha e Albino, que concordaram em subscrever, por eles e família de cá, sete mil escudos.*

*Abri a lista por mim, meu irmão Alberto e minha família de cá, com sete mil escudos, contando de entrar com muito mais, pois a obra terá que ser completada e o dinheiro é pouco.*

*Voltarei ao Brasil, mas de lá continuarei a acompanhar a obra, se Deus quiser, até ao fim da sua construção.*





1954 • 2004



Trabalhadores e Capela em Construção

*Deixo uma organização que penso saberá cumprir com o mandato que lhe foi outorgado e que devem sentir-se orgulhosos por terem sido escolhidos para tão relevante cargo.*

*Em outro local está a sua momeação.*

*Merlães, Vila Soares e Silva, 15 de Janeiro de 1953*

*Segue-se rubrica de José Soares de Pina.*

*Para dar início à minha tarefa, contei logo com a boa vontade, como conto hoje, do Reverendo Padre Manuel Correia da Rocha Guimarães, prior de Cepelos, que tudo tem feito para o bom termo desta obra.*

*Junto das autoridades eclesiásticas tratou sua Reverendíssima.*

*É Bispo de nossa Diocese, o Sr. Bispo (...)*

*É Cardeal de Lisboa sua Eminência D.Manuel Gonçalves Cerejeira*

*É o Papa, sua Santidade Pio XII.*

*Merlães, 15 de Janeiro de 1953*

*José Soares de Pina*

Não acontece nada, sem que antes tenha havido um sonho.

*Carl Sandburg*



1954 - 2004



## II - A CONSTRUÇÃO DA CAPELA

### O projecto

O projecto da capela esteve subordinado a três critérios principais:

- Dimensões
- Localização e orientação
- Estilo arquitectónico

As dimensões foram definidas pela capacidade do número de fiéis que deveria comportar numa missa, confortavelmente distribuídos pela nave, não inferior a três vezes a capacidade da capela antiga. - No dia da inauguração foram contadas 160 pessoas dentro da capela, com os andores.

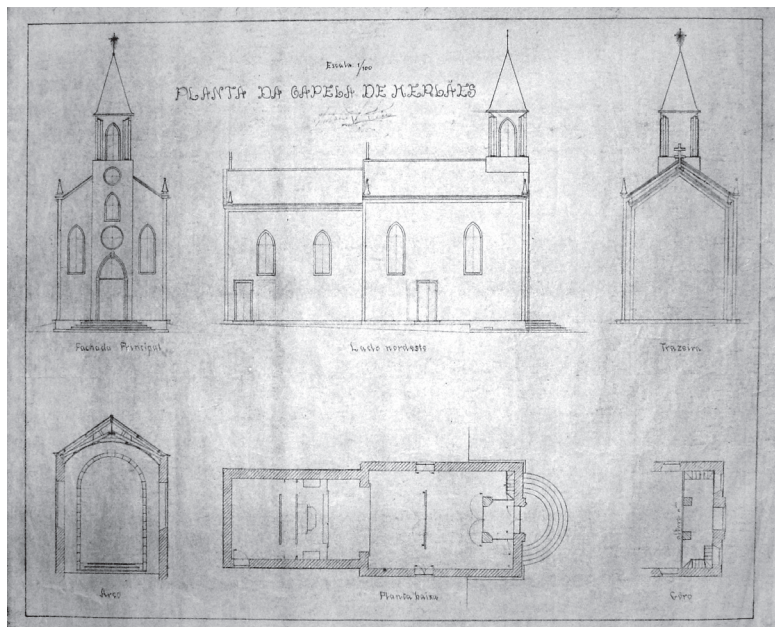
A localização escolhida, uma encosta com rochedos, voltada para noroeste onde existiam um curral e palheiro, permitia a orientação desejada, com a fachada principal voltada para o mar, que dali se avista não obstante a distância, e para poder ser observada de qualquer ponto do Vale, que domina. A capela também se vê, não no todo mas em parte, de quase todos os pontos do lugar. O morro foi escavado, para se arranjar espaço plano suficiente, para implantar a capela e o adro.



1954 - 2004

O estilo arquitectónico, se bem que simples, apresenta uma fachada principal elegante, com a porta principal, as aberturas de luz e as três ventanas da torre sineira, rematadas em arco ogival, assim como o nicho do Santo, por baixo do círculo do relógio e sobre o óculo redondo. A torre remata com uma cruz, bem proporcionada, e os cunhais de granito com pináculos do mesmo material. Por baixo de cada janelão da fachada principal existe uma lápide de granito em forma de rolo de pregão de papiro, com as seguintes inscrições: a do lado norte, *A capela antiga datava 1800*; a do lado sul: *Esta capela foi construída pelo povo de Merlães, por iniciativa de José Soares de Pina, em 1954*.

Não foi possível encontrar qualquer cópia do projecto da capela, de que eu próprio fui autor. Em sua substituição, cedi uma cópia do anteprojecto, também de minha autoria, que se reproduz na foto seguinte.



Anteprojecto



1954 - 2004

## A construção

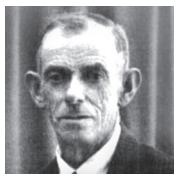
Esta obra, de grande vulto para a época, tinha de mobilizar toda a população. Porque era uma obra para o lugar, deveria ter a comparticipação de todos os seus fôgos, na mesma medida das suas possibilidades; de outro modo, os que não colaborassem sentir-se-iam constrangidos ou inibidos de executar livremente as suas práticas de culto, ao Santo da sua devoção.

Por isso foi seguido um interessante e bem elaborado esquema de comparticipação e colaboração, que a seguir se apresenta, digno de ficar registado.

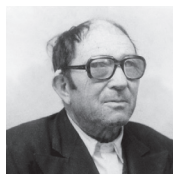
## Comissões nomeadas para os trabalhos

### Comissão angariadora:

- José Tavares Jorge [01]
- Silvério Fernandes de Pina [02]
- José Fernandes de Pina [03]
- Manoel de Bastos [04]
- António Tavares de Almeida [05]
- Manoel Augusto de Pina do Rio
- José Tavares Dias [06]
- Almiro Soares Roque [07]
- Louribal Tavares Fernandes [08]



[01]



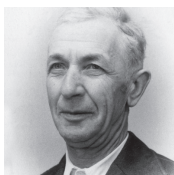
[02]



[03]



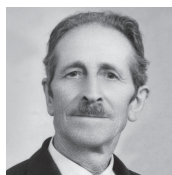
[04]



[05]



[06]



[07]



[08]



1954 - 2004

Adelino Fernandes de Pina [09]

José Dias Pereira [10]

**Comissão executiva:**

Manoel Soares de Pina [11]

Manoel Fernandes Carvalho [12]

Manoel Ferreira

**Comissão fiscal:**

Hermínio Soares de Pina [13]

António Fernandes da Vinha [14]

Manoel António de Pina [15]

**Encarregado geral:**

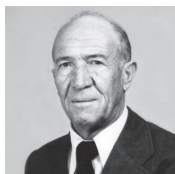
Hermínio Soares de Pina [13]

**Tesoureiro:**

Alfredo Fernandes da Vinha [16]

**Nota:**

As fotografias do tipo passe, que foi possível reunir, não puderam seguir um critério cronológico mais rigoroso, que retratassem as pessoas representadas, à data do evento. Também não se conseguiu reunir as fotografias de todos os componentes das Comissões pró-construção da capela, e lamentamos este facto, alheio à nossa vontade.



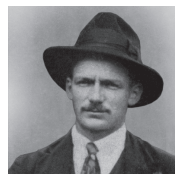
[09]



[10]



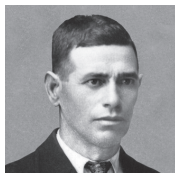
[11]



[12]



[13]



[14]



[15]



[16]



## Contrato da obra de pedreiro

### Contrato para a construção da Capela de Mariões.

Eu abaixo assinado Benigno da Silva comprometo-me a construir a referida capela como está marcada e detalhada na planta pela importância de 33.000,00 ( trinta e três mil escudos) com cantaria da Jostós, A comissão fornece<sup>da</sup> tempo e horas, para que não dê qualquer atraso ao empreiteiro, todo o material é beira da Obra, material que será alvenaria, cimento, areia, madeira para andaimes, e zibres, ferro pregos, etc.

O arco leva 2 capitais que não marca na planta mas que temos de combinar o detalhe deles para não haver desarmonia entre o empreiteiro e a comissão, será feito o arco em junta aberta a parede é de 0,50 cm. de espessura feita com agramassa de cimento e areia. Leva em cima das padieiras duas portas, uma viga de cimento com ferro com o o de alto em toda a volta. As duas esquinas da frente são feitas em cantaria as restantes em pedra comum a obra tem de estar pronta no dia 31 de Dezembro de 1953, O empreiteiro fica de pagar a multa de 100,00 por dia que passar da data atrás mencionada, até a obra estar terminada salvo motivo imprevisíveis, doença, tempo não permitir etc.

O Sr. Manuel Soares de Pina será o fiscal da obra que tem poderes para mandar substituir dentro do prazo de 24 horas qualquer coisa que não esteja de acordo com a Planta.

Os pagamentos serão feitos em três prestações sendo.

1 - a de 15.000,00 no ato de estar postas todas as portas com as padieiras.

2 - a de 10.000,00 no ato de estar postas as padieiras de janelas e pronto o coro e o arco

3 - a e ultima de 8.000,00 no ato da entrega da obra pronta.

O sr. Arlindo Soares de Pinho, estabelecido em Vale do Cambra, fica como fiador da caução de 15 % s/ a totalidade da obra, ou seja 4.950,00 pela falta de cumprimento do Sr. Benigno da Silva às normas e taboas deste contrato.

Pela mesma ordem Vão assinar.

Empreiteiro.

Benigno da Silva

A comissão.

Benjamin Soares de Pina

O fiscal.

Manuel Soares de Pina

O Fiador da cau.ão.

Arlindo Soares de Pina



1954 - 2004

## **Fogos em Merlões nesta data**

Para se poder fazer alguma coisa, foram classificados os moradores em cinco classes:

1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, às quais foram atribuídas, pela comissão angariadora, as seguintes participações:

1.<sup>a</sup> Classe: 2.000\$00

2.<sup>a</sup> Classe: 1.000\$00

3.<sup>a</sup> Classe: 500\$00

4.<sup>a</sup> Classe: 250\$00

5.<sup>a</sup> Classe: o que quiser dar.

O autor da iniciativa, José Soares de Pina, percorreu o lugar com a Comissão Angariadora, para pedir o auxílio do povo e, no dia 1 de Janeiro de 1953, percorreu novamente o lugar, para receber a primeira prestação, sendo mal recebido por duas casas, respectivamente de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Classes.

## **Seguem-se os fogos e a sua classificação:**

1.<sup>a</sup> Classe:

Casa de	Manoel Soares de Pina
“ “	José Fernandes da Vinha
“ “	José Gomes de Almeida
“ “	António Tavares Jorge
“ “	Manoel Fernandes de Pina Júnior
“ “	Manoel de Pina, das Coucelas
“ “	António Tavares Rocha

2.<sup>a</sup> Classe:

Casa de	Custódio de Pina Rua
“ “	Louribal Tavares Fernandes
“ “	José Tavares Jorge
“ “	Manoel Soares Fernandes
“ “	Manoel Alves
“ “	Manoel de Pina do Rio





1954 • 2004

“ “ José Dias Pereira  
“ “ Abel Fernandes de Pinho  
“ “ José Tavares Dias  
“ “ Carolina Augusta de Almeida  
“ “ Simão Tavares Dias  
“ “ António Tavares de Almeida

3.<sup>a</sup> Classe:

Casa de Serafim de Pina Dias  
“ “ Maria Martins  
“ “ José António Borges  
“ “ António Augusto Soares da Silva  
“ “ Manoel de Bastos de Além  
“ “ Graciano Fernandes  
“ “ Joaquim de Pina Rua  
“ “ Manoel Dias de Sousa  
“ “ Domingos Soares  
“ “ Custódio Fernandes  
“ “ Silvério Fernandes de Pina  
“ “ Manoel Tavares Machado  
“ “ Manoel de Pina Rua  
“ “ Manoel de Bastos  
“ “ Manoel Fernandes Carvalho  
“ “ Elisio Tavares Junqueira  
“ “ Rosa Tavares Fernandes  
“ “ Rosa de Pina Dias  
“ “ Deolinda Tavares Barreiro  
“ “ Margarida de Almeida Dias  
“ “ José Rodrigues  
“ “ José António de Pina  
“ “ Almiro Soares Roque  
“ “ Manoel Ferreira  
“ “ Adelino Fernandes de Pina  
“ “ Vitorino Borges  
“ “ Manoel Martins  
“ “ António Fernandes



1954 - 2004

#### 4.<sup>a</sup> Classe:

Casa de	Mário da Silva
“ “	Domingos de Pina
“ “	Rosa Fernandes
“ “	Firmino Tavares
“ “	António Soares Arroz
“ “	Augusto Rodrigues
“ “	Manoel Tavares Castanheira
“ “	Glória Fernandes de Pinho
“ “	Manoel Fernandes de Pina
“ “	Maria de Pina, do Peso
“ “	Claudino Rodrigues
“ “	Manoel Rodrigues
“ “	José Fernandes Jorge
“ “	Manoel de Almeida Barbeiro
“ “	José de Pina
“ “	Manoel de Pina
“ “	Joaquim de Pina
“ “	António Vicente Rodrigues
“ “	Domingos Soares Fernandes
“ “	Palmira Soares de Pina
“ “	Francisco dos Santos
“ “	Manoel Joaquim Dias
“ “	Dorinda de Almeida
“ “	Fernando de Bastos

#### 5.<sup>a</sup> Classe:

Casa de	Manoel Joaquim Pereira
“ “	Ana Fernandes
“ “	Albina Fernandes de Pinho
“ “	Maria Rosa de Jesus
“ “	António de Almeida
“ “	Leonor Soares Fernandes.



1954 • 2004

Ao que consta no livro de registo dos donativos, todos os fogos contribuíram com dinheiro e madeiras ou completando a verba correspondente com madeiras e trabalho, valorizado este a 15\$00 por dia.

Houve, porém, dois fogos, um da 1.<sup>a</sup> Classe e outro da 2.<sup>a</sup>, ao que consta no mesmo livro, que recusaram a sua contribuição, depois de a terem subscrito.

Não consta que tenha havido qualquer contribuição ou subsídio, quer do Estado, quer das Entidades Eclesiásticas.

A todos aqueles que levaram a bom termo tão grande obra colectiva, numa época em que ainda se viviam os efeitos do rescaldo da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, isto é, tempos muito difíceis, devemos curvar-nos em homenagem ao seu esforço colectivo.

Não podemos esquecer todos os que com abnegado sacrifício deram, para além da sua contribuição pecuniária, a sua colaboração nas diversas Comissões de Trabalhos, tornando realidade aquele sonho de uma nova capela para o *seu* Santo António. A sua memória ficará perpetuada numa placa com os seus nomes, a colocar em lugar de destaque, dentro da capela que ajudaram a construir.

Nenhum homem é uma ilha. Para travar um bom combate, precisamos de ajuda.

*Paulo Coelho*



1954 - 2004

### III - REFERÊNCIAS À NOVA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO

#### Na Imprensa Local

O Jornal de Cambra N.º 635, de 30/1/1953 - Merlães 25/1

No dia 29 p.p. começaram as obras para a construção da capela de Santo António. Oxalá todos nós possamos ver esta obra concluída. Será mais um grande melhoramento a atestar a capacidade de sacrifício do povo de Merlães. Bem sabemos quanto será difícil esta obra, mas para o povo de Merlães, que sempre tem andado na vanguarda destas terras serranas, nada é impossível.

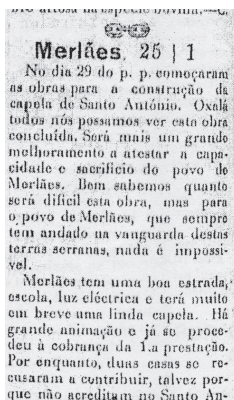
Merlães tem uma boa estrada, escola, luz eléctrica e terá muito em breve uma linda capela. Há grande animação e já se procedeu à cobrança da 1ª prestação. Por enquanto, duas casas se recusaram a contribuir, talvez porque não acreditam no Santo António.

Para se fazer um adro bonito, estão a ser retirados para outro local um palheiro e curral, que pertenciam ao Sr. Almiro Soares Roque e darão lugar à futura capela.

O autor da capela, Sr. José Soares de Pina, que no dia 31 embarcará no navio português "Vera Cruz", de retorno ao Rio de Janeiro, tudo providenciou para a boa execução da obra.

O dinheiro angariado é uma pequena parcela do que será preciso gastar. Foram nomeadas as seguintes comissões:

**Comissão Angariadora** - José Tavares Jorge, Silvério Fernandes de Pina, José Fernandes de Pina, Manuel de Bastos, António Tavares de Almeida, Manuel Augusto de Pina do Rio, José Tavares Dias, Almiro Soares Roque, Lourival Tavares Fernandes, Adelino Fernandes de Pina e José Dias Pereira.





1954 - 2004

**Comissão Executiva** - Manuel Soares de Pina, Manuel Fernandes de Carvalho e Manuel Ferreira.

**Comissão Fiscal** - Hermínio Soares de Pina, António Fernandes da Vinha e Manuel António de Pina.

**Tesoureiro** - Alfredo Fernandes da Vinha

**Encarregado Geral** - Hermínio Soares de Pina.

A capela de Santo António, em Merlães, é das mais antigas da Freguesia. Está feita há 153 anos, tendo havido outras antes, no cabeço deste lugar, onde ainda há pedras numa casa de residência, que a ela pertenciam. Bem inspirados foram os moradores deste lugar daquele tempo, que escolheram tão milagroso Santo para nosso padroeiro.

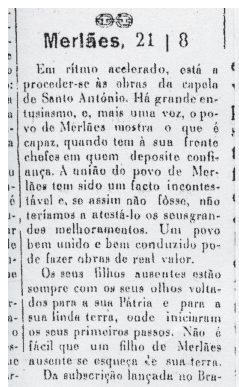
À frente desta obra, o autor deixa homens competentes e esforçados, que saberão cumprir com o mandato que lhes foi outorgado. A capela deverá ter uma torre e futuramente um relógio, pois será de grande utilidade no tempo das regas.

Manuel Soares de Pina

O Jornal de Cambra N.º 640, de 30/8/1953 - Merlães 21/8

Em ritmo acelerado, está a proceder-se às obras da capela de Santo António. Há grande entusiasmo e, mais uma vez, o povo de Merlães mostra que é capaz, quando tem à sua frente chefes em quem deposite confiança. A união do povo de Merlães tem sido um facto incontestável e, se assim não fosse, não teríamos a atestá-lo os seus grandes melhoramentos. Um povo bem unido e bem conduzido pode fazer obras de grande valor.

Os seus filhos ausentes estão sempre com os seus olhos voltados para a Pátria e para a sua linda terra, onde iniciaram os seus primeiros passos. Não é fácil que um filho de Merlães ausente se esqueça da sua terra.





1954 - 2004

*Da subscrição lançada no Brasil pelo autor da obra, Sr. José Soares de Pina, entre os nossos conterrâneos e pessoas amigas, obteve um bom auxílio.*

*O nosso muito obrigado a todos que têm concorrido para que se concretize esta linda obra, num dos lugares mais lindos do Concelho, e que será vista e admirada por todo o lindo Vale de Cambra!*

### **Subscrição no Brasil:**

*De Merlães - David Fernandes de Pina, cruzeiros, 250,00; Custódio Fernandes de Pina, cr. 250,00; Edmeu Fernandes de Pina, cr. 250,00; Joaquim Fernandes de Pina, cr. 500,00; Eduardo de Pina, cr. 500,00; Ernesto Fernandes, cr. 500,00; Joaquim Soares, cr. 500,00; Albina Soares de Pinho, cr. 1000,00; Manuel Tavares Ferreira, cr. 1000,00; Manuel Soares, cr. 1000,00; Manuel Tavares Barreiro, cr. 2000,00; António Fernandes de Pinho, cr. 3340,00.*

*de outras terras - António Moreira Ribeiro, cr. 1000,00; Freguesia da Madalena, Concelho de Paredes, cr. 500,00; Manuel Peão Espassandim, San Cristoban (Espanha), cr. 500,00; António Joaquim de Pinho, de Junqueira, cr. 1000,00; António Borges, de Irijó, cr. 1000,00 e Adolfo Brandão Alvarenga, Marco de Canavezes, cr. 2500,00.*

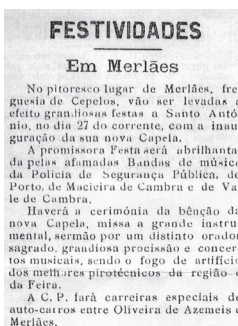
*Juros pagos pelo Banco, do dinheiro em depósito, cr. 175,00. Total, em Cruzeiros: 16.765,00. Câmbio em escudos: 11.660\$00.*

*Manuel Soares de Pina*

O Jornal de Cambra N.º 668, de 15/6/1954 - Festividades em Merlães

*No pitoresco lugar de Merlães, freguesia de Cepeles, vão ser levadas a efeito grandiosas festas a Santo António, no dia 27 do corrente, com a inauguração da sua nova Capela.*

*A promissora festa será abrilhantada pelas afamadas Bandas de Música da Polícia de Segurança Pública, do Porto, de Macieira de Cambra e de Vale*





1954 • 2004

de Cambra.

*Haverá a cerimónia da bênção da nova Capela, missa a grande instrumental, sermão por um distinto orador sagrado, grandiosa procissão e concertos musicais, sendo o fogo de artifício dos melhores pirotécnicos da região e da Feira.*

*A C.P. fará carreiras especiais de autocarros entre Oliveira de Azeméis e Merlões.*

## **Outras Referências**

Resposta de Reverendo Pároco da freguesia, Senhor Padre Correia da Rocha Guimarães, ao questionário que lhe foi enviado pelo autor do livro *Vale de Cambra e o Santuário de Nossa Senhora da Saúde*, pag. 146:

*...Merlões, o maior lugar da freguesia, servido por estrada, com capela dedicada a Santo António, construída de novo e ampliada, em 1953/54, onde se gastaram 350 contos - melhoramento devido ao filho daquele lugar, José Soares de Pina, importante industrial no Rio de Janeiro...*

*Monografia de Vale de Cambra*, pag. 154:

*...A capela de Santo António foi reconstruída\* em 1953/54 por iniciativa de José Soares de Pina, em colaboração com a população local. Situa-se em lugar alto, a dominar o povoado. No exterior, o que mais realça é a torre a meio da frontaria. Em frente um cruzeiro-calvário e um coreto.*

*No interior de uma só nave, o destaque vai para a imagem do Padroeiro...*

\* - A capela foi construída de raiz.





1954 - 2004



Capela Nova - Dia da Inauguração

#### **IV - INAUGURAÇÃO DA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO**

**Dia 27 de Junho de 1954**

Com um atraso de cerca de 15 dias sobre o primeiro domingo, após o dia de Santo António, data usual dos festejos, eis que chega, finalmente, o dia em que se vai fazer a inauguração solene da nova Capela de Santo António, de Merlães. Já se sente na atmosfera, logo pela manhã, o ar festivo e os aromas dos cozinhados especiais, para o dia. É a vitela, o carneiro ou o cabrito assados, e o arroz do forno, tudo com aqueles temperos, em que a salsa e o alecrim dão um gosto muito peculiar aos assados, que nos faz recordar, saudosamente, aqueles dias.

Com a antecedência habitual de três dias, as descargas de morteiros e foguetes já se tinham feito ouvir e, na véspera à noite, uma grande sessão de fogo de artifício foi o prelúdio de um dia que iria ser vivido por todos, com grande ansiedade e regozijo, ou não fosse este o dia que culminava o gigantesco esforço de todo o povo do lugar. Isto era bem visível, quer no ar festivo que a capela exibia, com enfeites de papel de cores garridas, em cordas estrategicamente estendidas a partir da cruz da torre sineira e pináculos, quer no ar de satisfação estampado nos rostos de cada habitante do lugar.



1954 • 2004

A inauguração solene teve lugar cerca das onze horas, com a benção da Capela, seguida de missa a grande instrumental, bastante concorrida, e sermão por distinto orador sagrado.

Às quatro horas da tarde saíu da Capela a grandiosa procissão, com andores de todas as imagens dos santos existentes, sendo duas de Santo António: a que havia na antiga capela e uma nova, de madeira policromada, recentemente adquirida. A procissão, que percorreu a via principal do lugar, foi muito concorrida, desfilando ao som das bandas. Houve fogo de grande estrondo e quantidade, quando a procissão estava a recolher.

Durante o resto da tarde foram bastante apreciados os concertos musicais, executados pelas seguintes Bandas: da Polícia de Segurança Pública, do Porto, de Macieira de Cambra e de Vale de Cambra.



Saída da Procissão



Chegada da Procissão



1954 - 2004

## V - SANTO ANTÓNIO - PADROEIRO

Santo António deve ter sido eleito Padroeiro do lugar de Merlães, há mais de quatro séculos, a julgar pela escultura mais antiga do Santo, do século XVI, que transitou da anterior capela para a actual. É difícil determinar-se uma data em que o Santo António tenha sido eleito o orago da primeira capela, que se situava no sítio do Cabeço, segundo a tradição oral. Terá sido nessa primeira capela onde foi colocada a escultura que acima se refere? Sendo assim, foi daí transferida para a capela antiga, nas Portelas, passando desta para a nova, onde ocupa, desde o início, lugar no trono.

A segunda capela, que serviu até ao início da 5.<sup>a</sup> década do século passado, foi construída, segundo a data que ostentava na padieira da porta, em 1800. Esta data é confirmada na lápide existente na capela actual, conforme referimos anteriormente. Foi demolida por ocasião da construção da nova, por necessidade de espaço para os acessos.

Recuando no tempo alguns milénios, sabemos que a vida nómada dos seres humanos foi dando lugar à vida sedentária, seguida da sua fixação, onde as condições geográficas a aconselhavam.

As terras férteis e a abundância de água, - características que se encontravam no sítio que deu lugar à povoação que hoje é Merlães, - eram propícias ao cultivo de cereais. Os prados e lameiros proporcionavam boas pastagens para incentivar a pastorícia. Estas características, a que se juntaria também a abundância de caça, convidavam à fixação dos povos.

Séculos mais tarde, os primeiros habitantes terão sentido necessidade de invocar a protecção divina para os seus gados, muitas vezes atacados por doenças e moléstias, já que os poucos meios de então seriam menos eficazes que as rezas e encomendas aos deuses.

Nos primeiros tempos da Nacionalidade Portuguesa, começa a ser conhecido e invocado um novo Santo, além do mais português, advogado das pessoas, animais e bens. Esse santo, que depressa se popularizou e bem cedo se tornou no mais rogado, era sem dúvida o **Santo António**.



1954 - 2004



A tradição popular atribui muitos milagres a Santo António. Em reconhecimento de tantos favores, o povo do lugar elegeu Santo António o orago de uma primeira capela, talvez modesta, em data que não foi possível determinar, até ao momento.

Da capela antiga transitou para a nova, uma escultura de Santo António, *de pedra de Ançã policromada, Século XVI, alt. 42 cm* que se encontra no trono do altar-mor.

[1] Santo António de hábito franciscano, onde capuz, escapulário e bainhas são salientados por larga faixa dourada. Cíngulo no centro do hábito. Na mão direita segura uma haste de açucena enquanto na esquerda, sobre livro aberto está sentado o Me-

nino com o globo terrestre na mão. A antiguidade da peça confere-lhe um certo carácter popular. Base arredondada e policromada

Existe uma outra escultura, adquirida antes da inauguração da capela nova escultura de madeira policromada, Século XX, alt. 88 cm, no altar-mor, lado direito.

Santo António de hábito franciscano, terço e haste de açucena segura pelo braço direito. O hábito é decorado na bainha, parte central e escapulário com pedraria de vidro multicolor. Na mão esquerda, o Menino vestido com túnica branca, salientada por decoração e cinto dourados está sentado sobre livro aberto. Base rectangular de cantos chanfrados, marmoreada, preparada para fixar num andor. [2]

A terceira escultura de Santo António de bar-





1954 - 2004

ro policromado, Século XX, alt. 80 cm encontra-se em nicho próprio, na frontaria.

*Santo António de hábito franciscano, capuz e terço. Na mão direita, sentado sobre livro aberto, o Menino, de túnica branca salientada a dourado, segura na mão direita um raminho de açucenas. Base quadrangular. [3]*



[1] - [2] - [3] - Bibl. Roteiro do Culto Antoniano da Diocese do Porto, 1996, p. 279.  
Em Louvor de Santo António - Edição da Câmara Municipal de Vale de Cambra.

A prece, quando feita com palavras da alma, é muito mais poderosa.

*Paulo Coelho*



1954 - 2004

## VI - NARRATIVA DE SANTO ANTÓNIO\*

**António (Santo)** nasceu em Lisboa, a 15 de Agosto de 1195, dia de Nossa Senhora da Assunção, reinava em Portugal D. Sancho I. O seu nome de baptismo foi Fernando. Seus pais moravam à beira da Sé e ali aprendeu ele as primeiras letras e rudimentos de humanidades.

Aos quinze anos, já órfão de pai e de mãe, segundo os bolandistas, foi pedir aos cônegos regentes de Santo Agostinho que o admittissem na comunidade. Foi breve e ardente o seu noviciado, e pouco tempo depois de vestir o hábito branco de Santo Agostinho, já ansiava por mais exaustiva entrega ao Amor de Deus. Santa Cruz de Coimbra, afamada como centro de estudos e crisol de fé, era o que mais lhe convinha, tendo passado de S. Vicente de Fora para esse mosteiro. Aí, em poucos meses se tornou notado: era o primeiro no côro, o primeiro a cavar na cerca, o primeiro a se levantar do catre, - sempre o primeiro.

A sua verdadeira formação conta a partir desta data e, em Santa Cruz, pôde beber os conhecimentos, à boca farta. Mas a sua fisionomia intelectual oferece desesperadoras lacunas, que procurou sempre preencher com o saber dos antigos e com a familiaridade com os enciclopedistas da época. Supõe-se que conhecia profundamente as doutrinas dos Santos Padres e lia amplamente os filósofos da escola de Alexandria. Estudou Platão e Aristóteles, mas apesar das ideias platónicas não descamba no realismo. Em Santa Cruz adquiriu o conhecimento profundo das Escrituras, de que deu provas exuberantes ao longo da sua carreira de orador.

Não foi, porém, demorada a sua carreira em Santa Cruz: aqui reinava a paz e a bonança e ele aspirava a maceração e o martírio. Ele não era apenas um estudioso, um homem de claustro, dado à prece e contemplação; acima de tudo seria um pregador combativo, entregue à causa da pobreza e da simplicidade.

\* Adaptação do texto in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 2, pag. 839 / 856.



1954 • 2004

S. Francisco apareceu-lhe em sonhos; é para ele que forçosamente tem de ir. E não repousa mais um instante, até trocar a túnica branca de linho pela estamemha dos franciscanos. Com ela, à entrada do convento que os frades menores tinham nos Olivais, deixa o nome que lhe haviam dado os seus pais na pia baptismal, que o prendia às coisas terrenas. Doravante chamar-se-á António, nome que é filho da sua vontade ascética, que imortalizará como paladino do Senhor. Está pois selada a quebra definitiva com o que fôra, com o mundo em que se movera e despertara os primeiros desejos mundanaís de sua alma.

Mas cansa-o depressa o claustro franciscano. A imobilidade era-lhe insuportável; precisava ir sempre mais além. E partiu para África, a terra hedionda e cruel do Islã, evangelizar, que o mesmo era morrer pela fé de Cristo. O clima inibe-o de cumprir a vontade. Meses após meses de enfermidade, reembarca. O navio que o traz, acossado pela tempestade, vara nas costas da Sicília. S. Francisco, o patriarca da ordem, o mensageiro de Deus vivo, paira cerca dali. Estamos na primavera de 1221 e abre em Santa Maria dos Anjos o capítulo geral da ordem. António ata a borra-chinha da água à cinta, pega no bordão e põe-se a caminho. S. Francisco assombra-o.

No eremitério do Monte S. Paulo tem, em seguida, ensejo de se entregar à reza e à contemplação. Deixam-no em paz e as suas asas místicas sobem tão alto, que da face lhe irradia um clarão sobrenatural. A ascese esculpe-lhe o corpo: magro, macilento, espírito; é um raio da divina graça.

Em Bolonha encontra-se com Francisco de Assis e este fica maravilhado com o seu talento de dialético e de interpretador dos textos da Bíblia Sagrada. Desde esse dia Frei António será o ministro das missões difíceis: as cruzadas contra os hereges, o ensino da Teologia em Bolonha, Tolosa e Limoges. Será até provido a titular da cadeira de Teologia da ordem franciscana.

Os dez anos que viveu fora de Portugal ocupou-os ininterruptamente no ensino e na prática. A sua bagagem de conhecimentos já a levava, pode dizer-se, da sua terra natal. Assim devia ser, porquanto a sua carreira ofe-





1954 • 2004

rece uma continuidade que não deixa margem a ócios nem grandes horas de isolamento ao estudioso. Foi, embora místico, um homem de acção: no seu espírito tinham-se forjado boas armas: usou delas.

A Frei António, o ardor combativo vinha-lhe ainda do estado de super abundância de ternura amorosa para com o seu Deus, ternura em que queria obrigar todos os seres a comungar. No seu tempo, o abstencionismo e a tibieza eram incompatíveis com o ideal religioso. Travava-se na Europa a batalha da supremacia religiosa, e cada homem, cada combatente. António era o soldado por excelência, daí o persistir místico em todos os actos, mesmo aqueles que parecem exorbitar da sua legítima envolvência.

Ora missionário, ora eremita, Frei António transitava de um para outro plano automática e instantaneamente. A veemência do pregador e a humildade do místico, sucediam-se nele sem interrupção nem esforço.

Santo António foi um lutador sem tréguas, usando a palavra de Deus, nas suas pregações, como arma para arrastar para o cristianismo as almas a ele avessas, lutando entre dois mundos o da tradição moribunda de uma Igreja antiga, humilde, severa, toda ela interior, e a aurora da Igreja moderna, potente e orgulhosa, governada pela Summa, como um estado pela constituição.

Santo António faleceu em Pádua, aos trinta e seis anos de idade, em 13 de Junho de 1231, com menos de dez anos de ministério no estrangeiro. Um ano depois vinha a público a bula da sua canonização, expedida pelo Papa Gregório IX. Santo António morreu em pleno arrebatamento místico, pronunciando no lance final de desprendimento terreno, sobre a cidade que lhe foi albergue, um juízo patético de iluminado: *Ó Pádua, bendita sejas! És bela e ricas são as tuas pradarias; o céu prepara-te, porém, neste momento, glória mais bela e rica que todas as outras.*

**Santo António Pregador:** Quando em Maio de 1221 Santo António se apresentou ao capítulo franciscano, era um derrotado, um vencido. Era dotado de faculdades extraordinárias; tinha o poder da eloquência, era um *orador de raça*. Mas ninguém, nem mesmo Santo António, podia ter notícia de tal *raça* nem advertir da existência desses talentos magníficos.



1954 • 2004

Até 1221 o verbo de António de Lisboa esteve represado no silêncio, na modéstia, na humildade. Ninguém conhecia o extraordinário vigor do seu espírito e ele próprio tinha de o ignorar, porque um homem a sós, na vida particular, não pode saber se é ou não dotado de génio facundo.

Santo António revelou-se, naturalmente, quando chegou a hora, quando se deu a ocasião, quando lhe deram a palavra. Pregou o seu primeiro sermão em Forlì, numa ordenação de frades dominicanos e franciscanos. Formavam o auditório bispo ou bispos, algum ministro provincial, teólogos ordinandos e frades do comum - tudo gente difícil de contentar. Pois bem, o efeito foi fulminante, assombroso; exclamaram todos: *ninguém, jamais, falou assim*.

Passados dois, três, alguns anos, estava o Santo na cidade de Limoges, no máximo de vigor e tensão de sua força oratória, no fastígio de seus triunfos, e no gozo da popularidade mais extensa, que nenhum outro pregador alcançou. *O orador chegava a ser escutado por mais de trinta mil pessoas, todas tão silenciosas e atentas, como se fora uma só pessoa*. Não havia templo suficiente para tamanhos auditórios e o Santo tinha de pregar ao ar livre. Duma vez o auditório excedera todas as marcas. A cidade suspendera a vida ordinária, e a população, cerradas as vivendas, acumulava-se para os sítios onde constava que era o sermão; das cercanias, muito de madrugada, tinham confluído as turbas, mantendo-se agora firmes ali, em suas posições. Santo António procurou lugar apropriado donde despedir o verbo. O imenso auditório, como um vasto mar, ondulava em vagas ansiosas, desde grande distância, contra a elevação que servia de púlpito. A voz do apóstolo começa a ganhar a enormíssima turba, assumindo pouco a pouco a acentuação de uma eloquência firme, robustíssima, extraordinária.

Nisto, os céus turvam-se, os ares escurecem e em serras longínquas começa a rolar o trovão. O mugido vem rebramando cada vez mais perto e finalmente rebenta num estrondo formidável pelas quebradas das serras, e logo a seguir outro trovão estrondeia com tamanho ímpeto, *que foi responder a léguas de distância*. O chão retreme, os relâmpagos rasgam as núvens em fusiladas deslumbrantes e os olhos cegam-se ofuscados nos sulcos vivíssimos do ressalto de raios e coriscos que põem na escuridão uma



1954 • 2004

raízada fulgentíssima. Parece ouvir-se o rugido das cordas de água de um dilúvio distante. O auditório sobressalta-se, assusta-se, desconcerta-se, ia já a redemoinhar em várias direcções. Santo António, reforçando a voz, brada: *Meus irmãos, não retireis. Ouvi o sermão da Omnipotência divina. Tremenda é a sua indignação contra os perversos, mas Deus é pai. Tende confiança na sua misericórdia e eu vos prometo que não só nenhum raio vos há de ferir, mas nem ainda uma gota de chuva vos orvalhará os cabelos. Escutai: como é solene, como é formidável a voz de Deus, como é cheia de onipotência, como é bela! Lembrai-vos que o Senhor, para castigar os pecados, punir os maus, tem horrendos trovões, o fragor dos terremotos, as lavas dos vulcões, raios instantâneos, as eternas chamas do inferno...* E, por aí fora, o Santo foi continuando em diálogo com o trovão, virgulando o assunto os raios dardejados das núvens, ou então improvisando ele tudo, - raios e trovões - à força de eloquência. Os cronistas rematam a relação com estas palavras: *terminado o sermão todos reconheceram que, desfazendo-se o céu em chuva torrencial por todas as direcções, apenas a terra que tomava o pregador e o auditório estava enxuta e sem sinal algum de chuva e que estiveram como metidos debaixo de um toldo, sem dúvida fabricado pelo poder de Deus...*

Se ficou enxuta a turba... é de crer que foi a eloquência do orador que projectou núvens, trovões e raios através do horizonte do auditório.

Segundo a frase de um poeta, certos cúmulos de rocha, sobre a perspectiva das serranias, dão frequentemente a visualidade fantástica de *trovões de pedra*; dão-me impressão igual os Semões (os fragmentos escritos) de Santo António.

*Hoje os seus sermões - disse Alves Mendes - os Sermões publicados com o seu nome, não passam de lavas de um vulcão apagado, de cinzas de uma inspiração extinta. É verdade: lava e cinzas... Mas lava e cinzas são vestígios do fogo que nelas crepitou.*

Toda a palavra escrita é *letra morta*. Para que seja *letra viva*, basta que seja também palavra lida: imediatamente dali se ateiam as chamas.

**Santo António Militar:** Santo António, um dos mais populares santos Portugueses, tem um aspecto assaz curioso sob o qual pode ser considera-



1954 • 2004

do: a sua carreira militar.

Talvez por vitórias alcançadas por sua intercessão, pelo exército Português, durante a Guerra da Restauração, nomeadamente a sua intervenção na defesa da Baía contra os Holandeses, como refere o Padre António Vieira, num dos seus sermões dedicados ao Santo, ou para que ela findasse, como veio a suceder, pelo tratado celebrado entre Portugal e a Espanha, em 13 de Fevereiro de 1668, teve Santo António o seu assentamento de praça no 2.º Regimento de Infantaria (de Lagos), por alvará de D. Pedro II, então Príncipe Regente, de 24 de Janeiro daquele ano, sendo sua fiadora nada menos que a Rainha dos Anjos. Como soldado raso se conservou durante quinze anos, até que em 12 de Setembro de 1683 era promovido a capitão, em atenção aos seus bons serviços militares, entre eles o de ter posto em fuga um corpo de castelhanos, que procurava surpreender um destacamento do seu regimento, que marchava de Juromenha para Olivença.

Existiu no antigo arquivo do Ministério da Guerra um livro de vencimentos daquele regimento, relativo aos anos de 1771 e 1774, em que figurava, antes do comandante, Santo António como capitão e protector dele, com o vencimento de dez mil reis.

Foi esquecido nas promoções que houve no reinado de D. José. Porém no de D. Maria I, sendo-lhe apresentada, em 25 de Março de 1777, uma proposta, comprovada com cinquenta e nove atestados, para a sua promoção a major, pelo oficial D. Hércules António Carlos Luis José Maria de Albuquerque e Araújo de Magalhães Homem, houve a piedosa Rainha por bem graduá-lo em Tenente-General, em Janeiro de 1780, como refere o inglês Costigan, no seu livro de Viagens em Portugal, sem que se deva dar grande crédito à sua narrativa, um pouco fantasiosa.

D. João VI, no Brasil, não se lembrou da patente que Santo António já possuía e promoveu-o a tenente coronel, por decreto de 26 de Junho de 1814. No Museu de Santo António, em Lagos, existe ainda a imagem que pertenceu ao regimento de que ele fez parte. O Regimento de Infantaria n.º 19 (de Cascais) teve Santo António como protector, e a sua imagem,



1954 • 2004

actualmente patente na cidade, da mesma vila, acompanhou-o durante a Guerra Peninsular, incutindo brio e coragem aos seus camaradas. Também foi padroeiro do Regimento de Infantaria n.º 13 (de Peniche), onde tinha o posto de alferes e o soldo de seis mil reis, por provisão de D. Pedro II.

Em Moçambique foi capitão do corpo de fuzileiros e, na Índia Portuguesa, o capelão da capela de Santo António, no Monte do Rosário, recebia, mensalmente, além da cômgrua, o soldo de alferes. Mas não ficou por aqui a acidentada carreira militar do nosso Santo casamenteiro. Também, no Brasil, ascendeu a vários postos. Foi capitão em Oiro Preto, capitão e major em Santo António da Barra, no Rio de Janeiro, tenente coronel em Santo António do Rio de Janeiro e agraciado com a grã-cruz de Cristo. Mais tarde um dos presidentes do conselho lavrou o seguinte curioso despacho: *O coronel António de Pádua vai quase em três séculos de serviço. Nomeio-o general e ponho-o na reserva.* Assim se fez e o general António de Pádua figura no *Anuário Brasileiro*, na lista dos oficiais na reserva do exército do Brasil. Outras imagens do Santo tiveram, no Brasil, lugar na hierarquia militar. Assim a de Santo António de Goyaz teve o posto de capitão e o soldo correspondente segundo a provisão de 19 de Setembro de 1750, e Santo António da fortaleza da Barra de Pernambuco teve praça de soldado e, depois, foi promovido a tenente pelo respectivo Governador, facto que foi confirmado por carta régia de 30 de Abril de 1917. J. X. de Ataíde e Oliveira Júnior advogou, em 1895, nas páginas da *Revista Militar*, a opinião de que Santo António deveria ser o Patrono do nosso Exército, em vez de São Jorge, a cuja imagem a ordenança de infantaria prescrevia a mesma continência preceituada para os marechais de campo.

**Iconografia de Santo António:** Apesar de ser muito vasta e de existirem algumas imagens do Santo, pintadas e esculpidas em Itália durante o séc. XII<sup>1</sup>, ainda se não conhece qualquer retrato seu autêntico, tirado do natural.

Se bem que na lenda primitiva sobre a sua pessoa, não se encontrem descrições pormenorizadas, aquelas que chegaram até nós, sobre a sua robustez e a expressão serena e doce, acham-se confirmadas na maior parte das

<sup>1</sup> *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: séc. "XII" (ou XIII ?)



1954 • 2004

imagens, realizadas no século de duzentos. O facto de não haver qualquer descrição literária do seu físico, nem qualquer retrato fiel, explica, em parte, a diversidade de tipos, desde as representações anteriores a mil e quatrocentos até aos nossos dias.

Pouquíssimo se sabe dos seus caracteres fisionómicos: Sicco Polentone afirma apenas que *a morte, em vez de desfigurar os traços, tornou a sua expressão ainda mais serena e feliz, de maneira que, quando morreu, parecia que estava adormecido.*

Geralmente, nas imagens mais antigas conhecidas, o Santo faz, com a mão direita um gesto explicativo e tem na esquerda um livro. É este o único atributo das primeiras espécies da iconografia antoniana. E o traje limita-se ao hábito castanho de capucho, cinta de tecido ou de corda e sandálias.

Dada a grande diversidade de representações, quer pictóricas quer esculturais, e a característica limitativa deste opúsculo, fastidioso se tornaria mencioná-las em toda a sua extensão, conforme a descrição na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, que se aconselha a quem tenha interesse em conhecê-las.

**Santo António no Folclore Lendas:** muitas lendas se formaram sobre Santo António, tendo-lhe sido atribuídos vários milagres. Entre estes, o de salvar o pai que, condenado em consequência de falsos indícios, ia ser enforcado; o de ressuscitar uma princesa; o de fazer ajoelhar um macho perante a hóstia consagrada; o de curar cegos, paralíticos, e leprosos; o de afastar a morte, o erro, as calamidades e o demónio; o de acalmar o mar e restituir a liberdade; o de reencontrar as coisas perdidas, etc..

**Santo António na Música:** É bem conhecida a sua inspiração, nos bailes e cantares de tipo popular - as noites de Santo António, com as marchas populares - mas existe também na música erudita dos séculos XVIII, XIX e XX.

**Santo António no Teatro e no Cinema:** é relativamente pequena e de qualidade relativa a produção dramática portuguesa inspirada no famoso taumaturgo. Existem várias obras de teatro ligeiro musicado, mas desta-



1954 • 2004

cam-se as obras clássicas, como: *Auto de Santo António*, de Afonso Alves (séc. XVI); *Romaria ao Prodigioso Santo António de Lisboa (além do rio), na sua ermida da Charneca, atribuída a Nicolau Luis* (séc. XVIII) Gabriel e Lusbel ou o *Taumaturgo Santo António*, de José Maria Braz Martins, 1834; *Noite de Santo António*, de Vasco Mendonça Alves, (1936). Em 1937, não era conhecida qualquer versão cinematográfica da vida e milagres de Santo António.

**Escritos de Santo António:** existem vários escritos de Santo António, iniciados em 1224, com *Exposição dos Salmos*, que foram sendo publicados em várias cidades de França e Itália, a partir de 1520. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* não refere qualquer publicação dos escritos do Santo em Portugal, facto que se regista com pesar.



1954 • 2004

## VII - MERLÃES - UM POUCO DE HISTÓRIA\*

Perdem-se na antiguidade, ...*pela falta absoluta de documentação escrita, as fontes de ligação da pré e proto-história à história propriamente dita....* A presença de povos primitivos nas actuais Terras de Cambra é indicada por alguns monumentos funerários (mamoas, dolmens), inscrições rupestres (Outeiro dos Riscos) e pela toponímia (Cambra, Crasto, Castelões, Arcas) talvez referente a edificações dolménicas. ...*Muito mais importante, porém, é a toponímia antroponímica, especialmente a de origem germânica, pois indica o princípio histórico de muitas localidades do concelho e, pelo seu número de espécies, representa, para dada época pré-nacional, um índice de povoamento notável, ligado nas raízes à época castreja e à pré-romana de Calambriga...* Assim vamos encontrar, entre outros nomes de aldeias destas terras, o topónimo ...**Merlães** (ou, mais tarde, também Melães), *que não é senão o genitivo do hipocorístico Merila (tema merus “grande”), ou seja, Merilanis “vila”;*... Daqui se poderá concluir que o lugar de Merlães seria grande, já em épocas anteriores à nacionalidade. Os topónimos ligados ao lugar, encontram-se em escritos dos séculos IX, X e XI.



Merlães 1936

\* Citações da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 33, pag. 849/852





1954 • 2004

*Em 922 o rei de Leão Ordonho II, vindo em seus navios, sulcando o Douro, visitar ao eremitório de Crestuma, o bispo resignatário de Coimbra (Gomado), lhe doou e a este eremitório muitas “vilas”, algumas delas no território cam-brense.... Muito provavelmente estaria incluída a vila de Merlães.*

*...Em 1109, novo contrato faz em Cambra o bispo de Coimbra D. Maurício para a sua Sé, cedendo hereditariamente a Gonçalo Guterres os bens de raiz «in terra de Calambria in villa de Zopellos (Cepelos) e **Merlanes**» que haviam sido do tio do dito Gonçalo Guterres, a saber Goesteu Eldraveiz, que os testara à Sé (D. M, P., N.º 331)....*

Nas Inquirições de D. Dinis (1290), nas diversas atribuições de honras, lê-se a certa altura: *...Na paróquia de S. João de Cepelos, no lugar deste nome havia a “quintã”, que havia sido do cavaleiro fidalgo Egas Peres; no de Gatão existia a de outro cavaleiro, Fernão Anes, que honrava toda a aldeia; no de **Merlães**, os dez casais que aí havia, eram de cavaleiros fidalgos e de ordens (isto é, mosteiros e igrejas), tendo a coroa nesta honra apenas o simbólico foro anual de um terço do pão e de duas galinhas, por casal....*

«O Foral Manuelino, dado em Lisboa, a 10-11-1514, cita expressamente as pov. de Aljariz, Areas, Armental, Arães, Cabril, Cabrum, Campo de Ançã, Camão, Chão do Carvalho, Codal, Coelhosa, Castelãos, Ervedosa, Lourosela, **Merlães**, Paraduça e Refoios...». Nele é referido o tributo a pagar por Merlães: *«...Toda a aldeia de Merlães paga cada um ano de milho seis alqueires, duas galinhas, repartindo tudo por todos segundo são concertados. E assim se faça ao diante...».*

Existe um período sobre o qual pouco se conhece, (séc. XVII, XVIII e XIX) que será objecto de novas pesquisas se, e logo que possível. Mas aconselha-se que também o façam, os minimamente interessados, para um melhor conhecimento das nossas raízes, não só pelo valor histórico em si, mas também para conhecermos melhor aqueles que calcorream os mesmos caminhos que hoje pisamos, que fizeram as suas festas e tiveram os seus momentos de alegria e tristeza, que amaram e sofreram.



1954 - 2004

No Arquivo da Universidade de Coimbra, na busca de algum documento que se referisse à antiga capela, no Tomo N.º 19, de Macieira de Cambra, só foram encontrados registos de propriedades, em nome de oito pessoas de Merlães, desde 1706 a 1716. O nome do lugar aparece como **Merlanis, Marlanis e Merllanis**.

Já no século XX, as décadas de 30, 40 e 50, foram de progresso para Merlães, não obstante as dificuldades económicas, inerentes ao pós Segunda Grande Guerra. Durante este período, concretizaram-se as seguintes obras:

- A nova fonte, no lugar da antiga Fonte do Canelo;
- A estrada desde a EN 227 às Escadinhas do Rêgo;
- A Escola Primária, ao abrigo do Plano Centenário, para servir Merlães e Irijó;
- A estrada desde as escadinhas do Rêgo à Lomba;
- A luz eléctrica;
- A nova capela de St.º António, inaugurada em 27 de Junho de 1954.



Merlães 1952

A estrada desde a Mãmoa até às Escadinhas do Rêgo, foi conseguida com insistentes diligências de José Soares de Pina e seu irmão, Manuel Soares de Pina, - ao tempo membro da Junta da Freguesia de Cepelos - junto das



1954 • 2004

entidades concelhias e distritais, até ao Ministério das Obras Públicas, que deferiu a execução da obra, em 1939.

A estrada desde as Escadinhas do Rêgo até à Lomba, executada em 1951, foi impulsionada por Hermínio Soares de Pina, juntamente com o povo de Merlães, que sempre soube acarinhar e colaborar nas iniciativas de progresso para o lugar.

A luz eléctrica chegou a Merlães em 1952, passando esta a ser a pioneira das aldeias da parte alta do concelho, a ter luz eléctrica nos lares. O impulsor deste melhoramento foi também Hermínio Soares de Pina, que conseguiu juntar consumidores suficientes para instalar uma linha de corrente, em baixa tensão, entre a Mâmoa e Merlães e a rede de distribuição até à entrada de cada casa dos aderentes. Cada aderente contribuiu com cerca de 1.000\$00 para ter a energia à entrada de casa.

Um ano mais tarde, em 1953, José Soares de Pina conseguiu da Câmara Municipal a instalação de 2 lâmpadas para iluminação pública: uma a instalar na capela nova e outra no cunhal da casa da Vila Soares e Silva. Meses depois, Hermínio Soares de Pina obteve da Câmara Municipal a instalação de mais 9 lâmpadas para a iluminação pública, distribuídas estrategicamente, segundo uma planta esquemática do lugar, elaborada por Manuel Luciano da Silva, estudante de medicina e António Soares de Pina, estudante da Escola Industrial. Dessa planta não existe original, nem cópia.

Mas, como *nem só de pão vive o homem*, foi a música também contemplada e, em 1945 um grupo de rapazes, embora sem quaisquer conhecimentos musicais e sem maestro, mas animados de uma grande força de vontade, criou o Grupo Águia Musical de Merlães, constituído por oito elementos activos. Ao cabo de dois anos, saíram dois elementos, formando, assim, um novo conjunto.

Durante vários anos da sua vida, o Grupo animou muitos bailes e festas, tanto em Merlães como nas terras e concelhos circunvizinhos.

Este Grupo animou também vários arraiais da Senhora da Saúde. Quando começava uma marcha, logo se juntava um magote que rapidamente engrossava e, cantando e dançando, acompanhava o Grupo pelo arraial.



1954 - 2004

E não faltava quem, com insistência, oferecesse do farnel e da boa pinga, do garrafão.

O Grupo, com seis elementos, durou até aos primeiros anos da década de cinquenta.



Grupo Águia Musical de Merlães - 1948

Da esquerda para a direita:

António Soares Roque [*Violino*]  
Manuel Custódio de Pina Rua [*Banjo*]  
António Soares de Pina [*Saxofone soprano*]  
Manuel Soares de Carvalho [*Bandola*]  
Manuel Joaquim de Pina [*Violão - Casual, só para a fotografia*]  
José Fernandes de Pina Júnior [*Bombo e chocalhos*]



1954 - 2004

## PATROCÍNIOS

**Acabalar-Acabamentos em Madeira, Lda.**

Pinheiro Manso - Vale de Cambra

**António Silva & Correia, Lda.**

Cesar - Oliveira de Azeméis

**Arsopi-Indústrias Met. Arlindo S. Pinho, S.A.**

Vale de Cambra

**Carpintaria-António Fernandes Carvalho**

Merlães - Vale de Cambra

**Câmara Municipal de Vale de Cambra**

**CMM-Carlos Monteiro & Martins, Lda**

Cepelos - Vale de Cambra

**Canalizações-Cruz Martins & Pinho, Lda**

Av. V. do Caima -Vale de Cambra

**Construções-José Carlos de O. Barbosa**

Mourio - Castelões -Vale de Cambra

**Construções-José Manuel da Silva Pinhal**

Função - Roge - Vale de Cambra

**Drogaria Decortinta**

Cartim - Castelões - Vale de Cambra

**Famaval-Criações Mecânicas Adauta, S.A.**

Celão - Vale de Cambra

**Florista Manuela das Coucelas**

Merlães - Vale de Cambra

**Freguesia de Cepelos**

Vale de Cambra

**Grupina, Lda.**

Vale de Cambra



1954 - 2004

**Inaceinox-Indústria de Inoxidáveis, S.A.**

Vale de Cambra

**INI-Indústria de Inoxidáveis, Lda.**

Vale de Cambra

**Irmãos Valentes, Lda.**

Lordelo - Vale de Cambra

**José António Fernandes**

Rio de Janeiro - Brasil

**José Armindo Farinha Soares de Pina**

Suiça

**Marla-Mário João Pinho Martins**

Cartim - Castelões - Vale de Cambra

**Materiais-Fernando de Almeida Paiva, Lda.**

Casal-de-Arão - Vale de Cambra

**Materiais-Manuel Custódio Fernandes**

Rabaceira - Castelões - Vale de Cambra

**Metalúrgica Progresso de V. C., S.A.**

Vale de Cambra

**Ourivesaria Charlot**

R. Fundo da Gandra - Vale de Cambra

**Pichelaria-Alberto de Sousa Fernandes**

Av. V. do Caima - Vale de Cambra

**Rogério B. Santos-Construções, Lda.**

Gatão - Cepelos - Vale de Cambra

**Rota-Granitos, Lda.**

Relvas - Macieira - Vale de Cambra

**Tecober-Tectos, Divisórias e Coberturas, Lda.**

Picão - Vila Chã - Vale de Cambra

**[www.dqadesign.com](http://www.dqadesign.com)**

Matosinhos



1954 • 2004

## AGRADECIMENTOS

Às pessoas que colocaram à minha disposição algumas das fotografias que ilustram este livro, que sem elas ficaria incompleto.

A todos aqueles que me facultaram a possibilidade de consulta de documentos antigos, para a pesquisa de referências históricas sobre Merlães.

À Comissão das Comemorações do Cinquentenário da Construção da Capela de Santo António de Merlães, pela colaboração na obtenção de fotografias de membros das comissões pró-construção da capela

À minha mulher, Maria Estela, que desde a primeira hora me deu uma ajuda preciosa, na verificação dos textos.



1954 • 2004

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

### **Comemorações do Cinquentenário da Inauguração da Capela de Santo António de Merlães**

António Fernandes Carvalho  
António Soares de Pina  
António Soares Roque  
António Tavares Rodrigues  
Carlos Gonçalves de Sousa  
David Fernandes de Pina  
Hermínio Fernandes de Pina  
Isaias Tavares Barreiro  
José Marques dos Santos  
Manuel José de Pina Correia  
Manuel de Pina  
Manuel Soares de Carvalho





1954 • 2004

Só uma coisa torna um sonho impossível: o medo de fracassar.

*Paulo Coelho*





1954 • 2004